Ano XI — Lisboa, 29 de Outubro de 1936 — N.º 562

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

DEPOIS da TEMPESTADE...

Por MANUEL FIGUEIREDO PIAS

MANUEL era um pequeno vendedor de rebuçados, da linda e pitoresca cidade de Coimbra. Garoto andrajoso, a pureza dos seus sentimentos contrastava, singularmente, com o seu aspecto.

A sorte era-lhe completamente adversa: parecia que o Destino se empenhara em investigar até que ponto iam a sua bondade e a sua resignação. Vivia num bairro pobre, com uma vèlhota a quem tratava por avó, que constantemente lhe infligia maus tratos. Na povoação dizia-se que era extraordinàriamente rica, mas o coraçãozinho diamantino de Manuel não podia conceber que essa mulher, que quási lhe negava o sustento, o não fizesse por falta de recursos, tanto mais que o obrigava a trabalhar de manhã até à noite.

Mal despontava o dia, era acordado pelos berros da vèlhota, que o intimava a levantar-se e a recomeçar a sua tarefa diária. E ai dêle se, à noite, regressava sem a quantia estipulada pela perversa «avó», pois ficaria sem ceia e moído de pancada.

Era, realmente, infeliz, o Manuel! Mas não desesperava, encorajado pelas palavras de um amigo, José, que freqüentava a escola. Sempre que o via desanimado, êste último aconselhava-o a ter paciência, na certeza de que, mais tarde ou mais cedo, a sua bondade seria recompensada. E lá ia o pequeno para as ruas concorridas, com o cêsto de rebuçados debaixo do braço, implorando aos transeúntes, com uma súplica nos olhitos negros, tão vivos, que se dignassem comprar a guloseima que transportava.

* * *

Num rigoroso dia de inverno, em que o vento ululava furiosamente e em que, de vez em quando, a chuva assaltava os passeantes com rajadas impetuosas, um pequeno, numa rua de Coimbra, estava encostado a uma esquina, muito triste, de fronte pendida e em ar de profundo desânimo. Manuel, que passava nessa altura, quebrou o seu doloroso recolhimento, chamando-o e interrogando-o meigamente:

— «Porque estás, assim, tão desanimado e triste? Ainda tens mãe?»

— «Olha, (retorquiu o garoto) não sei como não sucumbi à minha dor. Nunca tive a ventura de ser acariciado por mãos maternais, mas, em compensação, fui adoptado por uma santa vèlhinha que mais tarde me revelou ter-me recolhido quando estava abandonado junto dum casebre deshabitado. Desde então, tem trabalhado, árduamente, como águadeira e tem conseguido sustentar-me. Mas ontem (e dizendo isto, duas lágrimas teimosas deslizaram-lhe pelas faces) adoeceu repentinamente e, há uma hora, expirou. Tenho apenas comigo um medalhão, do qual a minha caridosa protectora me recomendou me não desfizesse, pois que era a única recordação que possuía dos meus progenitores.»

— «Tens fome?» — preguntou Manuel?

— «Sim, mas que é isso comparado com a saüdade que me atormenta? Se soubesses quanto so-

(Continua na página 8)

«O EURICO»

Por M. CARVALHO

ÊSTE bondoso rapaz,
Por quem tenho simpatia,
Tudo que o *Pim-Pam-Pum* traz
Lê com intensa alegria.

A-pesar de ser miúdo,
Já trabalha e tem canseiras,
E' cuidadoso com tudo,
A não ser às quintas-feiras.

Só pensa, então, no jornal,
No infantil Suplemento;
Dos contos colhe a moral,
Dos versos o sentimento.

Tal e qual como a manhosa
Raposa come as galinhas,
Lê êle os versos e a prosa,
Examina as figurinhas...

Num automóvel bonito,
Cujo motôr é de corda,
Percorre o espaço infinito,
Manhã cêdo, mal acorda.

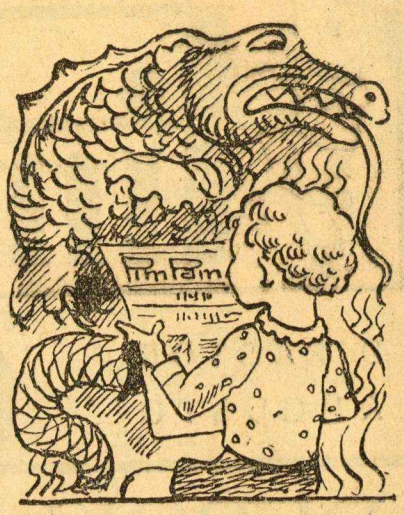
Como anda ainda a estudar,
Assim que da escola sái,
Já presta, sem se enganar,
Bem bons serviços ao pai,

Teve, há pouco, um dissabôr
Que vou contar a seguir,
Chegando a perder a côr,
Deixando até de dormir.

Um avião de mão cheia,
Que seu bom pai lhe ofertou,
No próprio dia da estreia,
Ao erguer-se, capotou.

Mas, passados poucos dias,
Com os carinhos dos pais,
Voltaram-lhe as alegrias,
No caso não pensou mais!

Estudadas as lições,
Lê histórias infantis,
Em que há ferozes dragões
Mas também fadas gentis.



Para êle é um festim
Como não há mais nenhum,
Lêr, desde o princípio ao fim,
O famoso *Pim-Pam-Pum*.

Ao acabar, comovido,
Ouve-se sempre dizer:
Quando estiver mais crescido,
Para aqui hei-de escrever.

Não são palavras ao vento,
Pois, disto, estou bem seguro.
Seu belo comportamento
Garante-lhe um bom futuro!

Era assim mesmo...

POR GUILITAS

Em certa aldeia formosa
vivia o «Manel» da Rosa,
que era da terra o «doitor»;
Tinha muita freguesia.
Tôda a gente, noite e dia,
consultava o ferrador.

Ora uma vez, Agapito,
montado no seu burrito,
vai o «doitor» consultar,
meditabundo, na crença
de que a terrível doença
o poderia matar.

Chega a casa do «Manel»,
em desabrido tropel,
e aos gritos: — «*Jasus, Jasus!...*»
Eu estou muito doente!...
Veja, «doitor» êste dente
que é para mim uma cruz!

Diz-lhe, então, o tal galeno,
em ciência bem pequeno:
— «Olhe, compadre Agapito,
Passa-lhe a dôr, de repente,
Pondo a raíz do seu dente
ao calor do sol bendito!»

FIM

ANEDOTAS

Por MANUEL FERREIRA

Ao jantar o Carlitos pôs-se a olhar para um bocado de pão.
— «Que é, meu filho? Que admiração é essa?»
— «Queria fazer uma pregunta.»
— «O quê? Dize...»
— «Como é que os padeiros põem o miôlo dentro da côdea?»

* * *

O Rafael, sete primaveras muito risonhas, é daqueles meninos que, ao abrir a boca, deixam tôda a gente a rir, às gargalhadas.
Uma vez, chegou tarde à áula. Mestre Malaquias, que não tolerava faltas de pontualidade, preguntou-lhe:
— «Porque chegou a estas horas?»
— «A minha mãi precisou de mim...»
— «Para quê?»
— «Para me dar um castigo.»

* * *

No recreio, preguntou a um colega:
— «Olha lá, que tempo se leva, em comboio, de Lisboa ao Estoril?»

(Continua na página 7)

ROSITA

Por MARIA DO CÉU RIBEIRO

ROSA Maria vivia com a sua avó, simpática vèlhinha, que se estorçava bastante para que nada lhe faltasse.

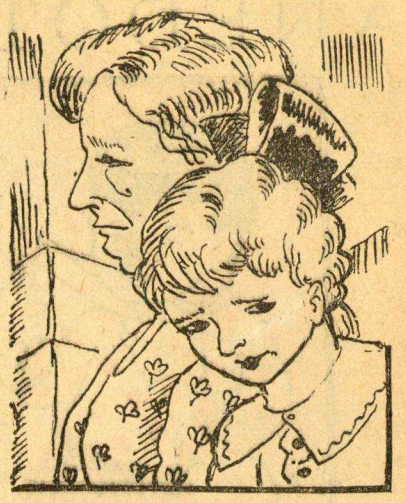
Trazia-a na escola, dava-lhe brinquedos para que se divertisse um pouco. ¿Mas qual? A Rosita, como lhe chamavam, continuava triste e bastava olhar-se para ela para se vêr que não era feliz. Um véu ténue, de dôr, por noites veladas, cobria-lhe o rôsto triste duma morbidez marmórea. Os olhos, extraordinàriamente meigos e ternos, ainda faziam realçar mais êste sofrimento.

Mas porque viveria triste a Rosita?

Era fácil adivinhá-lo, e a avó, como tôdas as pessoas que bem a conheciam, sabia bem qual o motivo.

Os pais, que ela muito amava, tinham partido, havia dois anos, para a América, arrastados pela sêde do ouro, e nunca mais deram notícias suas.

A Rosita, e a avó trajavam de luto, pois que tudo fazia supôr que haviam morrido, e a pobre pequenina, a todo o momento, evocava a triste lembrança da sua partida. Rosita, na sua linda aldeia, fazia todo o bem que podia, e os escassos brinquedos que a avó lhe dava, distribuia-os pelos que eram mais pobres do que ela.



Quantas vezes acontecera à Rosita, dar tudo o que levava para a merenda, e voltar para casa sem ter comido nada! Mas que importava? Dava aos pobres e pedia-lhes, em troca, que orassem pelos seus paizinhos.

*

Um dia, a Rosita fizera o seu exame e ficara distinta. Voltava para a sua casinha mais triste do que nunca, certa de que, se os paizinhos estivessem presentes, naquele dia haveria festa rija, lá em casa.

*

Grande surprêsa, porém, lhe estava reservada!

Alegria das alegrias, ao entrar a

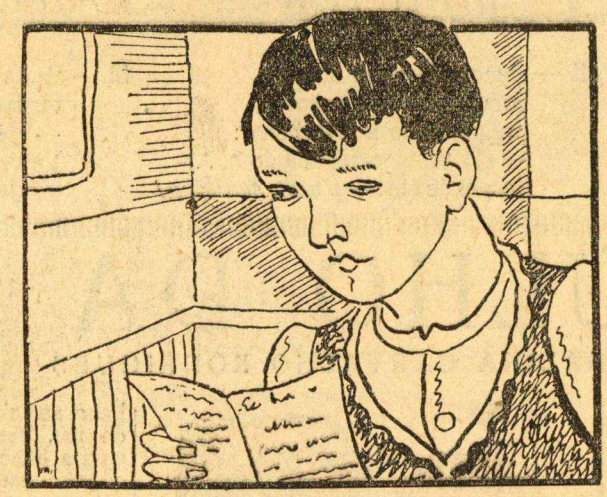
porta, deu com êles na sala, chegados, havia pouco, de automóvel. A fortuna bafejara-os nos últimos anos, após grandes infelicidades, e, então, já ricos, resolveram regressar sem prevenir ninguém.

Assim Deus quiz premiar a bondade desta pobre menina, não se esquecendo dela, naquele dia tão lindo!

FIM

SAUDADES

POR GILBERTO FIGUEIRA



A' minha irmã Fernanda

JÁ de saudades o meu peito encheste,
quando daí parti, e, desde então,
o fim das tuas cartas é sempre êste:
—«Recebe mil saudades, meu irmão!—

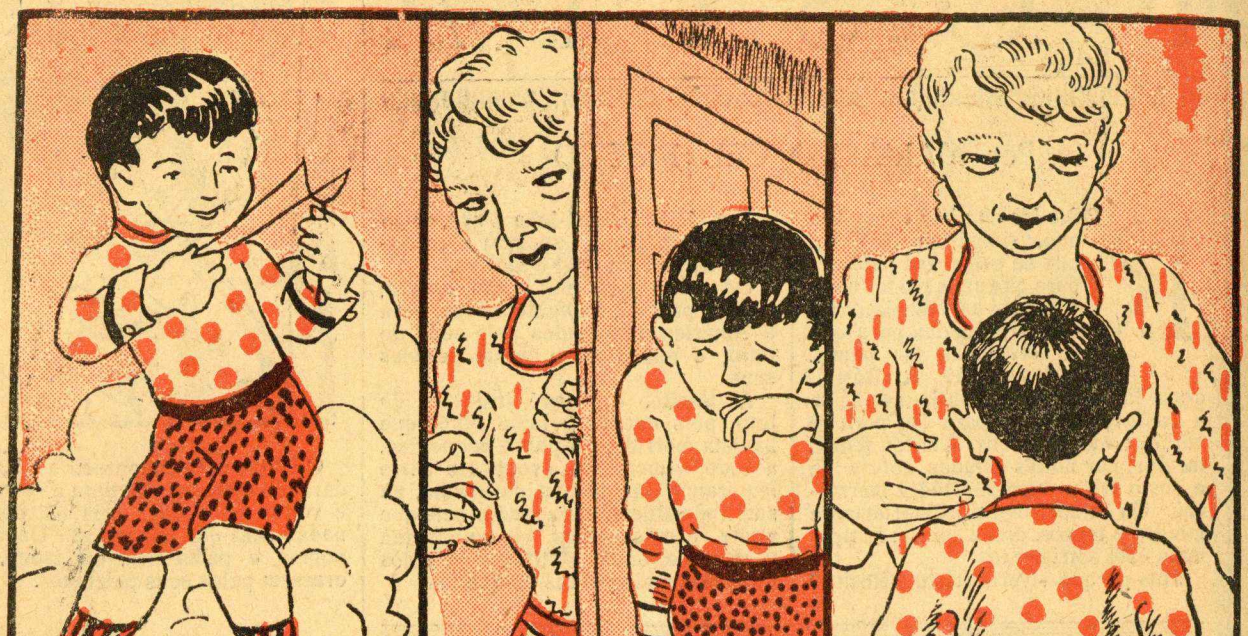
Tu sabes bem que esta separação
me faz sofrer imensas crueldades.
Por isso no meu triste coração,
outra coisa não há, senão saudades...

Tantas saudades, tantas, que nem sei
se ao pêso delas, eu resistirei,
pois tenho o coração a trasbordar...

Não me mandes saudades! Sabes quantas
eu trouxe e me mandaste; ai, para tantas,
já no meu coração não há lugar!...

ANEDOTA VERÍDICA

POR G. B



I — No Parque Infantil, há dias,
é posto atrás duma porta,
o pequeno Jeremias,
por mostrar que não lhe importa
haver feito tropelias.

II — Decorrida meia hora,
com um ar enternecido,
pregunta-lhe a Directora:
— «Já estás arrependido?...»
Responde êle: — *é nan, senhora!*

III — Muito tempo decorrido,
tornou-lhe ela a preguntar:
— «Já estás arrependido?...»
Volve êle, então, comovido:
— «Já estou a começar...»

O ORGULHO DA LENA

POR IDALINA CARVALHO RODRIGUES

QUE má e orgulhosa era a Lena!

Como era rica gostava de ostentar os seus belos vestidos e os brinquedos caros que possuia.

Não gostava de brincar com as crianças que não estivessem tão bem vestidas como ela e todos os pobrezinhos despresava.

Num verão, estando com os pais, numa aldeia linda mas humilde, a Lena nunca brincou com as crianças. — «São tôdas tão feias e pobres!» dizia ela com desprêzo.

Uma tarde foi passear, levando ao colo a sua boneca preferida, e aproximou-se do rio, onde uma pequenita, de oito anos, já lavava alguma roupinha.

A pequena, que nunca vira uma boneca tão linda, ficou maravilhada!

A Lena comprazendo-se com a admiração da criança, preguntou-lhe: — Nunca viste uma boneca tão bonita como a minha, não é verdade?

— «Oh, não, menina! É tão linda! Se a menina me deixasse pegar-lhe um bocadinho para lhe dar um beijo! Gosto tanto de bonecas e nunca tive nenhuma!» disse a pequena com tristeza.

A Lena, num repelão de cólera, gritou: — «Era o que faltava!

Tu, uma rapariga tão feia e pobre, pegar na minha boneca!

Olha para ti, e vê lá se mereces tocar numa boneca tão rica!»

Dos olhos da pequena caíram lágrimas.

Tôda a maldade tem, por fim, castigo. A Lena, ao colher uma flôr que estava à bei do rio, desequilibrou-se, e caíu à ág com a boneca! Então, a pobre, a feia p quena, como ela, com desprêzo, lhe ch mara, sem hesitar, correu a tirar da água Lena, que gritava aflitivamente. Com u mão, agarrou-se a umas ervas altas q havia à beira do rio, e, com risco de c também, conseguiu tirar da água a Le

Em seguida, com uma grande cana, com algum esfôrço, puxou a boneca q entregou à dona, a qual, ante a generos dade da pequena, exclamou: — «Fica co a boneca, és melhor do que eu. Perdoa-m as palavras de há pouco!»

Então, a pequenita recusou a bonec dizendo: — «Não mereço recompens menina, fiz apenas o meu dever. Cor já para casa para se enxugar!»

— «Não, sem tu aceitares o que te d da melhor vontade! (teimou a Lena, dirigindo-se à pequena, abraçou-a, com vida e acrescentou, obrigando-a a aceit a boneca.) — Aceita-a, peço-te. Que agradecer-te a bela lição que, sem quere me deste!

Eu é que te fico muito reconheci porque, graças a ti, serei de futuro um menina boa!

UM CONFLITO no JARDIM da ESTRELA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

(Continuado do número anterior)

— «Isso é que tive!...» — exclamou, com voz forte, João Sequeira.»

— «Perdão! — disse eu, — adoçando, com um sorriso, a secura da frase. Consinta primeiro que eu fale com o seu colega. Depois será a sua vez!... Dizia você, Manuel de Menezes, que o árbitro exorbitou nas suas funções. Não é assim?»

— «Exactamente!»

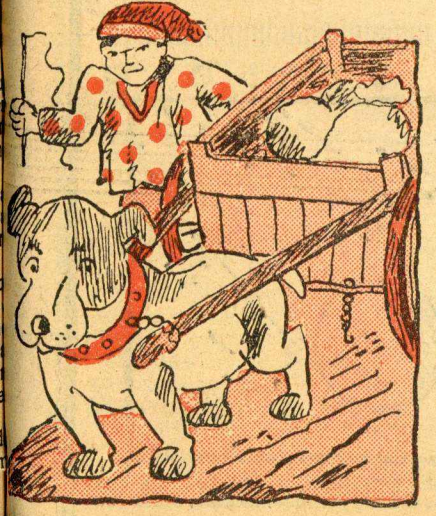
— «Pois, nessa altura, precisamente, é que você devia ter-se lembrado de que era filho dum médico, isto é, duma pessoa que decerto tem educado seu filho no respeito pelos outros e na obediência aos superiores. No momento em que o árbitro o castigou, se a sua consciência se recusasse a admitir o castigo, você protestava como rapaz educado, e não insultando. Tanto mais que você e tôda a gente sabe que podia recorrer das decisões do árbitro junto das autoridades superiores. Não é isto verdade?»

Manuel de Menezes hesitou um pouco. Mas logo o seu espírito de justiça triunfou. Levantou-se, então, e declarou:

— «Tem razão, minha senhora. Fui mal educado e estou arrependido. E tu, João — acrescentou, estendendo a mão ao companheiro — perdôa as minhas brutalidades. Prometo, para o futuro, esforçar-me por dominar os nervos!...»

Mas João Sequeira, ainda sentido, só a custo estendeu a mão. Então eu, resolvida a fazer de Anjo da Paz entre os beligerantes, fingi não perceber a hesitação de João Sequeira e iniciei a segunda lição daquele dia:

— «Agora que o caso do *futebol* está arrumado, vamos à segunda parte — a que



se refere aos insultos e discussão que eu ouvi há pouco, ali do meu banquinho. Mas, como tenho a mania das histórias, se vocês não se maçam muito, vou contar-lhes uma, que se ajusta lindamente a êste caso. Valeu?

— «Com todo o prazer!...» — assentiram os rapazinhos todos, aproximando-se

mais, para não perderem uma palavra da história que eu ia contar:

Principiei assim:

O cão e o burro

Em certa herdade do Minho havia um lavrador, que, além de muitos outros bichos, possuia um burro e um cão.

O burro estava encarregado de puxar uma carrocita que tôdas as manhãs levava hortaliça ao mercado da vila. E o cão, por sua vez, tinha a seu cuidado a vigilância da casa e da quinta.

Qualquer deles andava gordo e bem tratado. O dono não poupava a palha destinada ao sustento do burro, assim como não se esquecia de pôr, no tacho do cão, grandes ossos, com muita carninha agarrada. Ora, sendo assim bem alimentados e bem cuidados, tendo cada qual a sua ocupação diferente, vivendo ambos na mesma casa, pertencendo ao mesmo dono há tanto tempo, era natural que se entendessem e se estimassem.

Mas... nada disso. O burro apenas lobrigava o cão, desatava a zurrar como um desesperado, a sacudir-se, a escoucear, enquanto o cão ladrava, ladrava e tentava partir as correntes que, durante o dia, o prendiam à sua cazota. E porque se odiavam, assim, êstes dois bichos?

O caso era simples:

Qualquer deles estava convencido de que as suas funções eram muito mais importantes do que as do outro. E que, portanto, como valia mais, devia ser considerado de forma diferente.

Certa manhã em que, como de costume, o caseiro do lavrador, conduzia o burro à rédea para o mercado, parou perto da cazota do cão, a conversar com um amigo, que há muito não via, sem se importar com o berreiro que os dois bichos faziam.

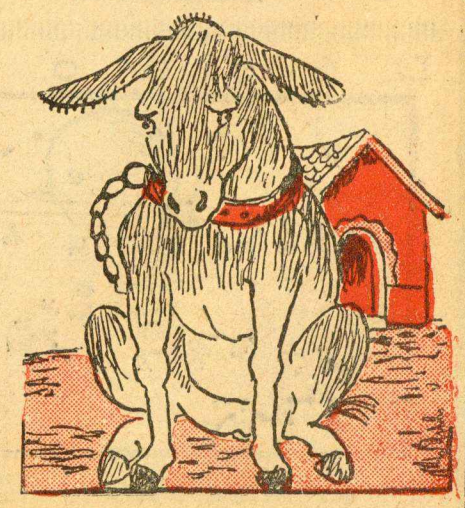
O cão ladrava assim:

— «Lá vai você para o passeio, seu preguiçoso, seu regalão. Isso é que é gozar, hein? Não se faz nada, anda-se sempre em passeatas e no fim: «venha a rica palhinha para engordar êste senhor!...» Sim, porque a você chamam-lhe burro e ao nosso patrão o senhor. Mas afinal é o contrário. Você é que é o esperto e o nosso dono asno chapado, pois dá de comer a um traste inútil!...»

E o burro zurrava:

— «Preguiçoso, eu, que todo o santo dia caminho debaixo de sol, a poeira a ressequir-me as güelas, as moscas a chuparem-me o sangue?! Então se eu sou preguiçoso, que será você, que passa a vida estiraçado à sombra, dentro da sua cazota, sem outro trabalho que não seja estender o focinho para comer o que lhe

(Continua na página 7)



O CESTINHO da COSTURA

SECÇAO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

Grande, belo e majestoso,
é ou não lindo êste galo?
Chega até a ser um gôzo
vê-lo a marchar... Que regalo!...

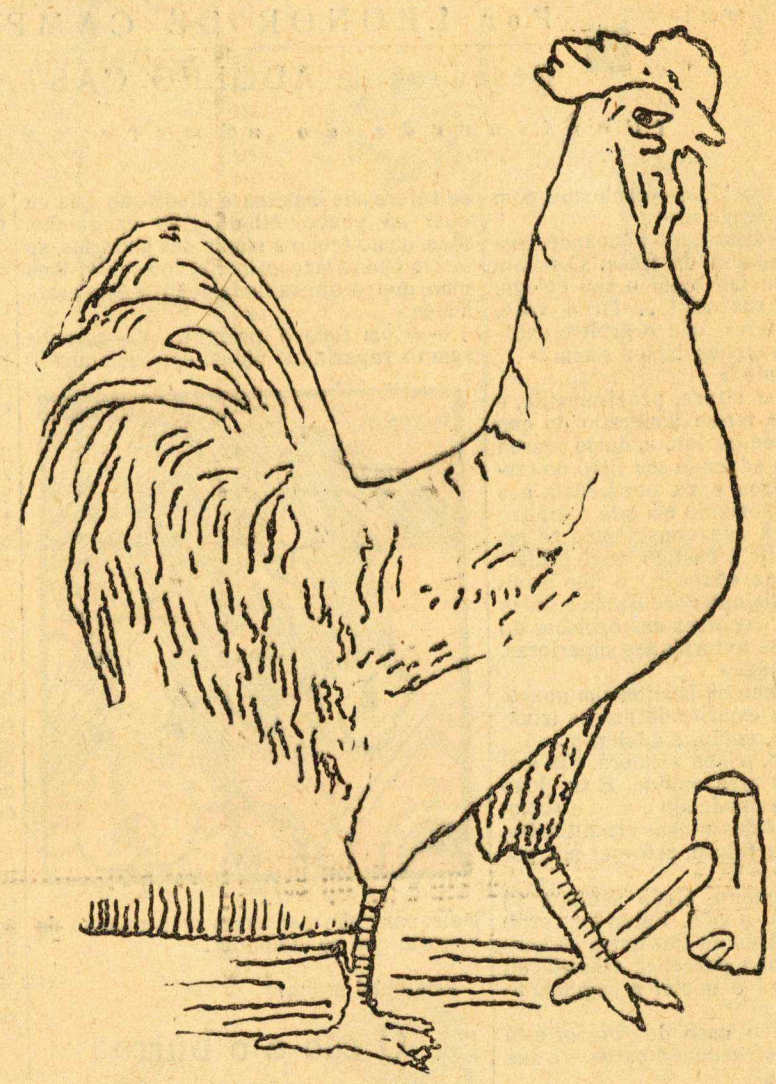
Com o seu todo imponente
e com altivas maneiras,
parece dizer à gente
que não é p'ra brincadeiras.

Mal sabe o bicho tão belo
porque veio aqui parar;
que vai servir de modêlo
a quem o quizer bordar.

Com seu trajo prazenteiro,
em verde, castanho e azul,
vai ser um rei no poleiro,
garboso, lindo e taful.

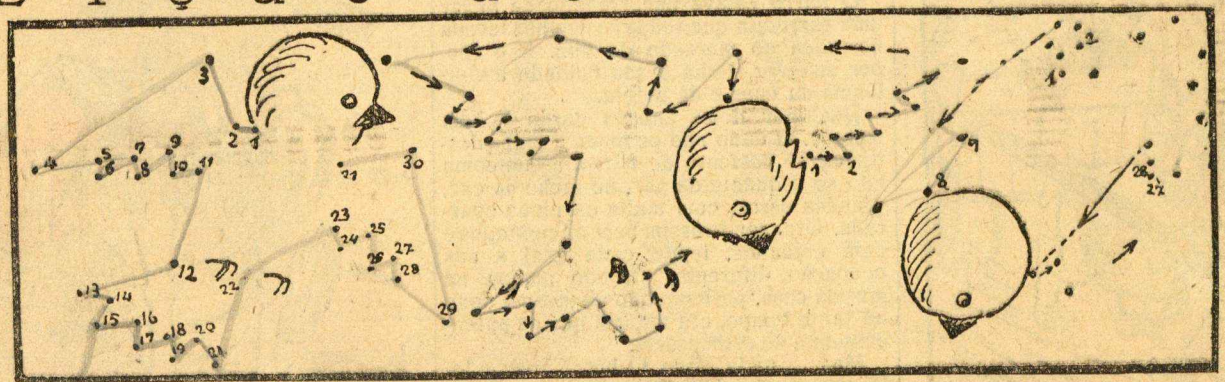
Ciência para o bordar?...
Não é precisa, leitores,
basta, apenas, aplicar
tôdas estas vivas cores.

Corpo castanho doirado,
crista rubra, d'oiro o papo;
na cáuda um tom azulado...
.....
E eis um lindo guardanapo!



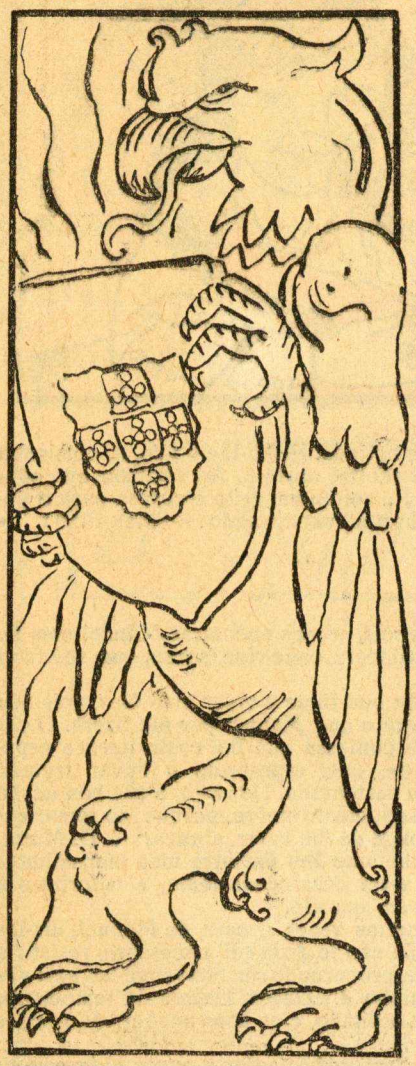
ABELHA-MESTRA

Lição de desenho



Meus meninos: Disponham-se a desenhar êste mimoso quadrinho, unindo, por uma linha tracejada, os pontos numerados da primeira figura e das outras duas, seguindo a direcção das setas, desde os números iniciais até aos últimos. Depois, dêem um tom de azul celeste ao fundo, e o tom que lhes aprouver aos passarinhos.

PARA OS MENINOS COLORIREM



ANEDOTAS

(Continuação da página 2)

— «Meia hora...»

— «E do Estoril a Lisboa?»

— «O tempo é o mesmo, porque é a mesma distância...»

— «Podia não ser. — (respondeu Rafael) — Do Natal ao Ano Bom, não se leva o mesmo tempo que do Ano Bom ao Natal...»

*

* *

Outro dia, o papá de Rafael, disse-lhe:

— «Sempre que se entra em qualquer casa, limpam-se os pés no capacho. Não te esqueças...»

Passado tempo, Rafael foi visitar a avó. E esta, que tinha, nesse dia, mandado encerar a sala, preguntou-lhe:

— «Olha lá, Rafaelzinho, tens os pés limpos?»

— «Tenho sim, avó. Os sapatos é que estão sujos...»

CHARADAS COMBINADAS

\+ ra = Data
\+ ro = Rijo
\+ ma = Espingarda
\+ ca = Estaleiro

Conceito: Nome próprio

\+ a = Aia
\+ ca = Pua
\+ ta = Nome
\+ co = Vazio

Conceito: Nome próprio

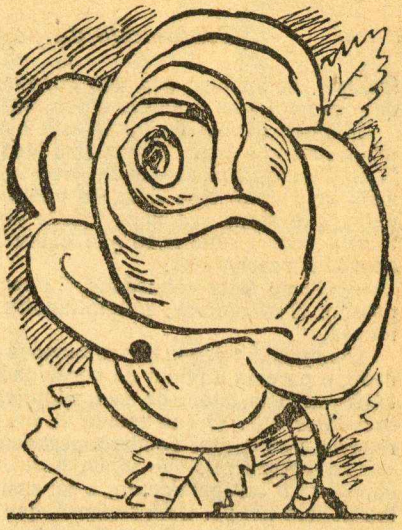
\+ ta = Nome
\+ do = Flôr
\+ ta = Ventura
\+ me = Designação

Conceito: Nome próprio

\+ ta = Nome ou animal
\+ ta = Participação
\+ bra = Moeda inglêsa
\+ ta = Sinal

Conceito: Nome próprio

ADIVINHA



Meus meninos: Esta linda rosa foi oferecida a uma senhora que não está longe.

Vejam se a descobrem.

Um conflito no Jardim da Estrêla

(Continuação da página 5)

deitam no tacho? Ora esta!... Que tal está o mandrião!... Vá trabalhar!... Tenha vergonha!...

— «Não trabalho pouco — replicou o cão. — Se não fôsse eu, que passo as noites em claro, a correr tôda a quinta, enquanto você dorme e ressona, quantas vezes o nosso dono teria sido roubado!...»

— «E eu ajudo o patrão a ganhar a sua fortuna, levando ao mercado as hortaliças e as frutas da sua lavra! Parece-me que valho mais do que você!...»

E assim continuariam a discutir ainda por muito tempo, se o caseiro, com uma palmada amigavel nas costas do amigo, não rematasse tôdas as conversas:

— «*Tá* dito, amigo Zé. Vamos, então, um instante aqui a minha casa pedir à mulher que nos dê dois... dum rico vinhinho que lá tenho, para bebermos à nossa saudinha. Prendo o jumento a esta árvore e pronto. Hoje chego um pouco mais tarde ao mercado. Mas não importa. Um dia não são dias. O patrão, decerto, não ralhará...»

Dito e feito. Prendeu o burro à árvore e foi a casa com o amigo.

Mas... não sei bem como aquilo foi. O certo é que daí a meia hora reapareceram os dois amigos; o caseiro vinha a cambalear, sem quási poder suster-se nas pernas e o outro, talvez por simpatia, vinha precisamente no mesmo estado.

Então, ao chegarem junto da árvore onde o burro, atrelado à carrocinha, os aguardava impaciente, o caseiro arregalou muito os olhos e exclamou:

— «Então, hein? Você não quere lá ver, amigo Zé!... Então êste dianho do jumento não veio agarrar-se à carroça!... Se já se viu alguma vez um burro a puxar uma carroça!... Isso é serviço para cães, não é para burros!...»

E enquanto falava, ia tratando de desatrelar o burro que entregou ao amigo. Depois, desprendeu a corrente do cão, trouxe-o para junto da carroça e, conforme poude, atrelou-o. Prendeu a corrente da cazota do cão a uma das pernas do burro. E, em seguida, despediu-se do amigo, dizendo:

— «Bom!... Cá vou à vida!... Quando quizer, estou sempre às *ordes*.»

E, dando uma chicotada no cão, ajuntou:

— «Vamos embora! Vai-se fazendo tarde!...»

O cão, que para tôda a gente era uma fera, com o caseiro era manso como um cordeirinho. Porisso, deixara-se atrelar à carroça, sem protestos. Mas apenas sentiu o chicote no lombo, começou a achar pesada a brincadeira e a rosnar.

— «P'ra diante!...» — gritava o homem.

Mas o cão nem se mexia. Então o caseiro deu-lhe uma chicotada tão valente que o pobre bicho, atirou-se de corrida para a frente, a ganir, a ganir, as pernas a vergarem, as fôrças a fugirem a cada momento. Percorreu assim alguns metros. Até que, sem coragem para continuar, se deixou caír no caminho, desgraçado de todo. E por mais que o caseiro dissesse ou fizesse, não tornou a mover-se.

Entretantanto o burro, junto à ca-

DEPOIS da TEMPESTADE...

(Continuado da página 1)

fro, por me lembrar que não pude evitar a morte daquela que foi para mim a minha única Mãi!»

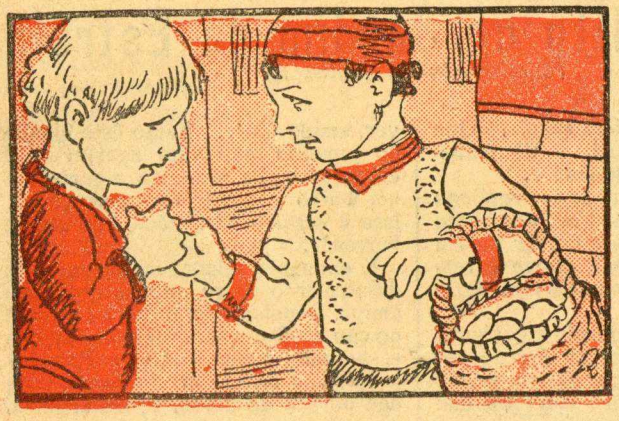
Manuel, depois de ouvir esta narração, ficou com os olhos rasos de água. E teve uma idea heróica: Não estava já habituado ás pancadas da «avó»?! Que importava ficar mais uma noite sem ceia, se podia matar a fome áquele petiz, que ainda era mais infeliz do que êle? Ao menos ficaria com a satisfação que causa a prática de uma boa acção! E resolveu-se:

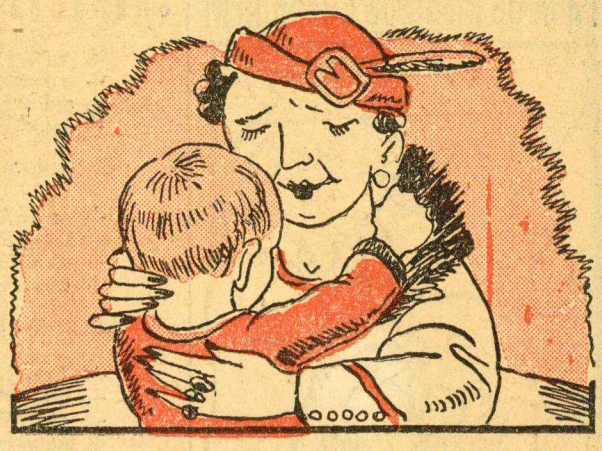
— «Toma êstes rebuçados. É pouco, mas é tudo quanto possúo. E afastou-se, precipitadamente para evitar uma recusa.

O rapazinho pegou nos rebuçados que Manuel lhe havia dado, e parecia duvidar da veracidade do sucedido. Havia, então, alguém, além de sua adoptiva mãi que se interessasse por êle? O seu estado de fraqueza era tal que não resistiu à comoção. Tombou, pesadamente.

Um automóvel, que vinha perto, não pôde evitar por completo o atropelamento, e foi assim que uma das rodas lhe colheu um pé. Uma senhora, que vinha no carro, sôlta um grito, e dirige-se, acompanhada do marido, ao pequeno. Este é conduzido ao hospital, e a senhora Dona Maria — assim se chamava ela — ordenou que lhe substituíssem os andrajos por um fato novo, que ela pagou.

O garoto estava já quási restabelecido quando contou a sua história. D. Maria, ao ouvir falar no medalhão, ficou





extraordináriamente agitada. Pediu-lhe a jóia, e, dominada por uma inspiração súbita, abriu-o. Ao verificar que continha as iniciais M. P., soltou um grito e correu para o pequeno de braços abertos, exclamando: — «Meu filho!...»

*

* *

Algum tempo depois, vamos encontrar Manuel com D. Maria no seu rico palacete, onde vive, agora, com seu filho e seu marido.

D. Maria pede-lhe que fique a viver com êles, pois seu filho jamais esquecerá o que Manuel por êle fizera. O pequenito acede, mas confessa que lhe custa imenso separar-se de sua «avó», que, a-pesar-de o haver tratado sempre mal, o tinha sustentado. De resto, a sua boa acção despertara-lhe um sentimento nobre, porque, ao tomar conhecimento dela, longe de lhe bater, abraçara-o. D. Maria, contudo, garantiu-lhe que lhe enviaria uma mensalidade que lhe permitiria viver desafogadamente, e autoriza-o a visitá-la de quando em quando.

José, que vai muitas vezes a casa de Manuel, diz-lhe constantemente: «Eu não te dizia? E' necessário resistir a tôdas as vicissitudes, procurando sempre vencê-las, sem nos afastarmos do caminho do Dever. Depois da tempestade vem a bonança, diz o ditado, e as boas acções são sempre recompensadas.

Meus meninos: *Procurai orientar a vossa vida com os olhos fixo neste lema: Paciência, Caridade e Honradez.*

---

zota do cão, ria da triste figura que, momentos antes, ao partir dali, fizera o seu inimigo.

Mas não durou muito a hilariedade.

O amigo do caseiro, que também estava embriagado, viu ali perto um taboleiro cheio de tijelas de marmelada e resolveu levá-lo consigo. Pegou nele e dispunha-se a transportá-lo, quando olhou para o burro, que, de dentes arreganhados, ria ainda do cão.

— «Eh lá, compadre—exclamou êle — Porque está você a rir de mim? Ora espere que eu já o ensino!...»

E pousando no chão o taboleiro, agarrou num cacete e desatou à bordoada no burro.

Tantas deu que o burro caíu, com o focinho banhado em sangue e o corpo cheio de feridas.

Acudiram várias pessoas que, depois de libertarem o animal, e de interrogarem o amigo do caseiro, correram a salvar também o cão.

Nesse mesmo dia reconciliaram-se os dois inimigos — cão e burro — pois chegaram à conclusão de que ambos eram igualmente úteis.

O burro não servia para guardar quintas, assim como o cão não tinha utilidade para puxar carroças. Mas qualquer dêles, no seu mistér, dava muito bem conta do seu recado, sem desfalecimentos, nem preguiças...

*

* *

E pronto. Acabou-se a minha história, que veio a propósito das duas frases que ouvi há pouco:

— «Não lhe obedeço porque o filho dum médico não obedece ao filho dum sapateiro...»

E a outra depois:

— «O meu pai é sapateiro, mas nunca matou ninguém. Não poderás dizer o mesmo do teu...»

Salvo o devido respeito e as devidas distâncias, vocês fizeram-me lembrar a história do burro e do cão.

E apetece-me preguntar a Manuel de Menezes: — Seu pai estará habilitado a fazer-me um par de sapatos bem feitos? E interrogar, depois, Sequeira: «Se eu adoecer será o seu pai capaz de me curar?»

Decerto qualquer de vocês me responderá negativamente.

Qualquer das profissões é útil e as pessoas que a exercem o mais respeitaveis possível, porque trabalham e lutam para sustentar, vestir e educar os seus filhos, Deus sabe à custa de quantos sacrifícios!...»

Levantei-me e acrescentei, estendendo a mão a cada um dos componentes do grupo:

— «E, agora, perdõem-me o atrevimento e não me fiquem querendo muito mal, pelas minhas palavras um tanto duras...»

— «Pelo contrário, minha senhora — disse, então, João Sequeira, abraçando Manuel de Menezes: — Muito lhe agradecemos a sua lição e creia que nunca a esqueceremos!...

Muito obrigado!...»